

Romaria do Caaró: Entre História e Memória

Pilgrimage of Caaró: Between Memory and History

Ângela Patrícia Amaral Werner, angelapaw@outlook.com

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, j-quevedo@uol.com.br

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul

Submetido em 10/05/2016

Revisado em 20/07/2016

Aprovado em 10/08/2016

Resumo: É importante entender a Romaria do Caaró, que ocorre anualmente em novembro, como um referencial identitário do Missioneirismo, fazendo parte da construção histórica da região do Rio da Prata. Por meio de livros, dissertações e entrevistas, podemos ver que desde as Reduções Jesuíticas até a atualidade, essa herança histórica ainda permanece no imaginário das pessoas, que se apropriam dessa identidade e a perpetuam, cuja maioria descende de imigrantes e não dos GUARANI.

Palavras chave: Romaria do Caaró. Missioneirismo. Reduções Jesuíticas.

Abstract: It is important to understand the Pilgrimage of Caaró, which occurs annually in november, as a identity reference of Missioneirismo, part of the historical construction of the Silver region. Through books, essays and interviews, we can to perceive that from the Jesuit Missions to the present day, this historical legacy still remains in the minds of people who appropriate this identity and perpetuate, people these descendants of immigrants and not the ancient peoples Guarani.

Keywords: Pilgrimage of Caaró. Missioneirismo. Jesuit Missions.

A Romaria ressignifica evento do martírio

A Romaria do Caaró é uma expressão cultural missioneira que ocorre na região das Missões, particularmente no município de Caibaté, interior do Rio Grande do Sul oficialmente desde 1933, que tem atraído centenas de milhares de devotos, romeiros, interessados, curiosos, turistas, clérigos, políticos, em suma, sociedade em geral.

As trilhas do sagrado dessa romaria estão circunscritas ao Santuário do Caaró, lugar da memória missioneira, que liga, vincula o evento – martírio dos Padres Roque González, Afonso Rodrigues e João de Castilhos, ocorridas em 1628 – passado histórico do *tempo das conquistas* e evangelizações dos indígenas, empreendido pela Companhia de Jesus em aliança com o Estado Espanhol ao *tempo presente* da região. No terceiro domingo do mês de novembro, anualmente, os romeiros festejam as memórias e o milagre do coração do padre Roque que sobreviveu aos acontecimentos de 1628, exemplificando o triunfo da Cristandade, a intervenção divina na História, construindo assim a tradição penitencial que purifica o povo cristão. Ao longo das nossas intervenções e interlocuções com os romeiros, percebemos a construção dessas narrativas de cunho mítico, que criam o invólucro do sagrado em torno do acontecimento, cujas brumas tornam indistinguíveis a realidade da ficção.

O Santuário do Caaró, lugar onde foi localizado, em janeiro de 1933, pelo historiador do IHGRS, jesuíta Luiz Gonzaga Jaeger, o martírio de Roque Gonzalez, já definido na época como o primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul, na verdade beatificado em 28/01/1934 pelo Papa Pio XI. A exatidão do local do martírio ficou por conta do pesquisador Jaeger, que após estudos em mapas, documentos antigos e escavações arqueológicas, foi fixado o lugar denominado "CAARÓ", distante 14 km da cidade de Caibaté-RS.

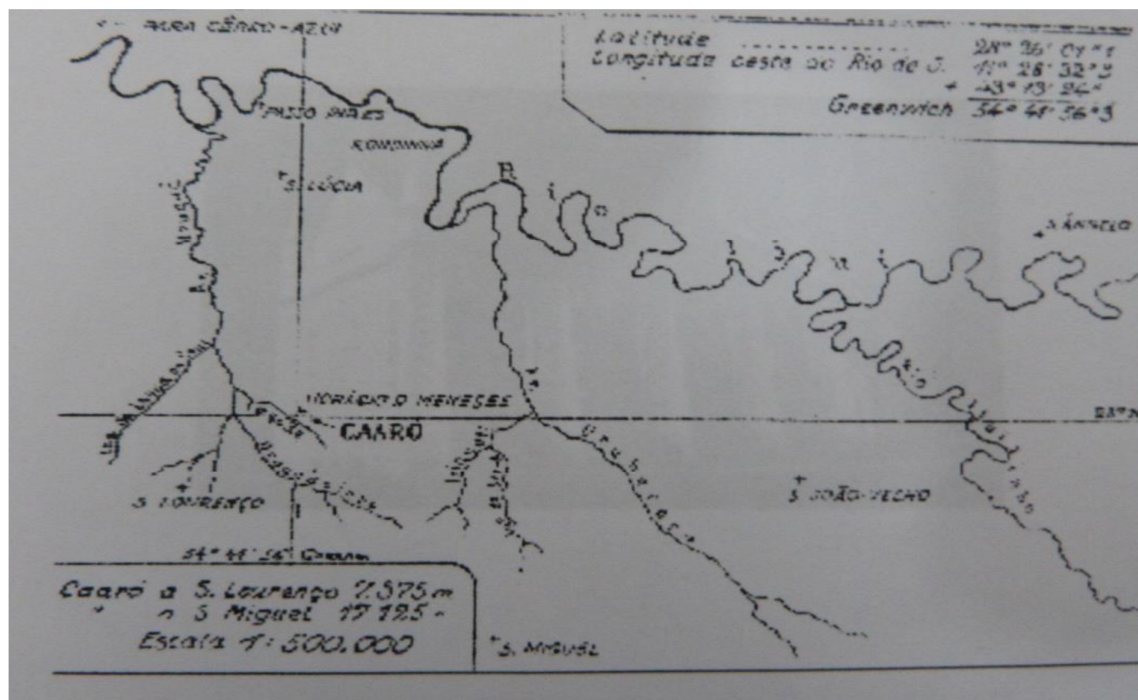


Figura 1. Segundo o Padre jesuíta Luiz Jaeger, este é o local do martírio, onde se encontra hoje o Santuário do Caaró, que recebe expressivo número de peregrinos e romeiros anualmente.

Desde então, em todos os anos, aproximadamente 5.000 a 10.000 pessoas se deslocam para o local. Ali existe uma fonte de águas naturais consideradas milagrosas e no acesso da capela até a fonte, estão às estações da via-sacra, em pequenas grutas em concreto que contém a imagem de cada estação. Sendo este o lugar da memória do martírio e da via-sacra. Na romaria de 2015, a estimativa de romeiros era de um total de 10 mil pessoas, entre eles caibateenses, paraguaios, uruguaios, argentinos e de outras cidades gaúchas.

Na concepção de muitos romeiros – imbuídos da tradição penitencial em busca da purificação – a sobrevivência do coração do missionário seguido de outros sinais de milagre como a fonte d'água existente no santuário sedimenta a aliança entre o profano e o sagrado e eles enquanto guardiães dessa memória tem o dever de mantê-la viva, atuante e renascida, recorrendo à aliança do

sagrado para com o povo cristão, cujos romeiros missioneiros são exemplos desses lances de manifestações do divino na História, impregnados no imaginário popular e coletivo. Nesse ato penitencial, o coração assume simbolicamente o significado de relíquia, venerada pelos fiéis.

A resignificação do evento é presente na releitura de diferentes romeiros, como bem se mostra na monografia de Mauro Wesz, onde através de um depoimento do senhor Vilibaldo Welter, em 2012, cidadão de 92 anos de Caibaté, exemplifica os compromissos que estão para além do ato da romaria, demonstrando sua capacidade de guardião da memória missioneira e dos eventos circunscritos ao Caaró, ao narrar a ação coletiva na construção do santuário e nele da capela dos santos mártires:

Foi, foi o povo, uma igreja bem singela né. O povo doou tudo, foi o mesmo que a nossa igreja aqui quando começou o Caibaté, não se gastou quase dinheiro, foi tudo doado, os colonos eram poucos e eles que vinham ajudar trabalhar todos os dias e não ganhavam nada, até eu, na época eu tinha 15 anos ajudava a puxar água e a carroça com os cavalos, e era muito mal de água o Caibaté pra molhar os tijolos e fazer massa. Nomeavam as linhas, a linha Schneider, amanhã a linha Lunkes, e ninguém ganhava nada, só o pedreiro, o maestro, fizemo isso ali, e meus pais e eu, só ajudamo a trabalhar (WESZ, 2012, p. 44).¹

A riqueza dessa lembrança permite periodizar a formação do santuário, a partir da sua construção na década de 1935. Esses são os primeiros romeiros, anônimos, católicos e em sua maioria imigrantes que viviam nas linhas, as picadas abertas pelos imigrantes que estavam iniciando a colonização daquelas terras, em forma de comunidades especializadas nas atividades de lavoura. Todos católicos, que cultuavam o mito do milagre do padre Roque, cujo acesso todos tinham e o manipulavam através da relíquia (o coração), a história e a memória. De forma subjetiva, essas condições se relacionam com as condições objetivas da realidade dos imigrantes de 1935 que internalizam o sentimento de

¹WELTER, Vilibaldo Otílio. Depoimento. [05/09/2012]. Entrevistador Mauro Marx Wesz, 2012, in: WESZ, M. M. **Caibaté: imigração e construção de identidades na região das Missões do Rio Grande do Sul**. 2014. 63f. Monografia (TCG em História) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS, página 44.

pertencimento à comunidade missioneira, enquanto continuadores da obra de milagre revelado, eles deveriam dar sentido aos mistérios da relíquia e preservá-lo no templo religioso erguido com o seu trabalho. Dessa forma, se revela os seus sentimentos de pertencimento ao missioneirismo,² construído social e culturalmente ao longo dos eventos de 1928 até a atualidade.

Em meio ao caos, a insegurança e a crise que a região passa a sofrernos anos 20 e 30, emerge a figura carismática, emblemática e oportuna de Getúlio Vargas, que Diosen Marin em “A Consolidação da Romaria do Caaró a partir da mídia impressa: 1937-1945” que garantiu a sedimentação da romaria e do santuário através de políticas públicas durante o Estado Novo, pautadas na aliança entre o Estado e a Igreja Católica, particularmente com a Companhia de Jesus.³ Gradativamente os romeiros vão acrescentando novos elementos à construção da tradição penitencial, deixando perceber o sentido de preservar e recuperar os acontecimentos guardados no passado.

A etimologia do lugar tem seu sentido mítico, elabora o ambiente místico onde a terra é sacralizada pela presença dos santos mártires que por ali estiveram no século XVII e deixaram suas heranças, suas prédicas a serem seguidas. Sendo na tradição oral que podemos recorrer a essas narrativas daquele século, no catolicismo e na devoção popular, formulada em meio às

¹ O conceito de missioneirismo, segundo Roselene Pommer, é entendido enquanto identidades negociadas com o passado da região das Missões do Rio Grande do Sul, em que as populações que vivem nessa região se apropriam e acionam as identidades missioneiras na atualidade, a partir de suas representações do passado histórico jesuítico-guarani, desenvolvendo por elas um sentimento de pertença, conforme obra **“Missioneirismo: História da Produção de uma identidade Regional”** (Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2009).

³ MARIN, Diosen. **A consolidação da Romaria do Caaró a partir da mídia impressa: 1937-1945**. 2014. 163f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS.

narrativas lendárias e míticas, permeadas de lances do sagrado, da intervenção divina na História.

As condições objetivas do fato fundante, o martírio de três padres em plena ação evangelizadora dos povos indígenas se amalgamam as condições subjetivas que evidenciam o fabuloso, dando sentido ao ambiente místico, cujo palco dos acontecimentos transforma o evento em algo de fantástico, misterioso, algo inusitado e oculto a ser desvendado. Sendo essa representação mítica do passado que tem atraído e seduzido centenas de milhares de romeiros que celebram a ritualística da Fé Católica. Os atos humanos são narrados de forma espetacular para além do simples acontecimento de celebrar a ressurreição, posto que a cada ano o discurso é atualizado e renovado no eminente milagre do “coração do padre Roque”, que não se destruiu em meio ao ato “profano indígena”. Na construção discursiva da narrativa, que adquire um sentido lendário, os episódios das mortes de 1628 adquirem quase que um sentido de milagre original, que está na origem do missionarismo construído por longos períodos após e da romaria em si.

A narrativa mítica e religiosa que é repetida diversas vezes pela voz dos peregrinos e romeiros tem um aporte histórico, ao afirmar que quando estavam os padres Roque Gonzáles e Afonso Rodrigues construindo a fundação na Redução de Todos os Santos (no atual local do santuário do Caaró) foram mortos a mando do cacique Nheçu, que não aceitava a presença dos “homens de preto” na região.⁴ Assim, os padres foram esquartejados e colocados dentro da rústica igreja do povoado onde foi ateado fogo. No dia seguinte quando voltaram ao local onde estavam os corpos dos dois primeiros padres mortos tiveram uma grande surpresa ao verem em meio as cinzas e brasas um coração intacto, do qual saiu uma voz dizendo *“Matastes a quem vos amava e queria bem; porém somente o meu corpo, pois minha alma está no céu. E não tardará o castigo, porque virão meus filhos para punir-vos por terdes maltratado a*

⁴“A surpreendente história do Caaró”, site “Caminho das Missões” [caminhodasmissoes.com.br; rotamissoes.com.br;

imagem da Mãe de Deus. Mas eu voltarei para vos ajudar, porque muitos trabalhos vos hão de sobrevir por causa de minha morte.” Atravessaram um flecha no coração de padre Roque e atearam fogo novamente na capela. Dois dias depois os “revoltosos” seguiram em direção a outro povoado onde mataram o padre jesuíta João de Castillos, arrastado por quilômetros em meio à mata. Os fatos dessas mortes ocasionaram, em alguns dias, uma batalha entre os indígenas cristãos dessas reduções e os que não aceitavam o cristianismo. Dizem que os “revoltosos” que não foram mortos em batalha converteram-se, enquanto os restos mortais dos padres e especialmente o coração do padre Roque, foram recolhidos e levados à Redução de Concepción, na outra margem do rio Uruguai, lá permanecendo por muitos anos. Esses sinais de história ao serem lembrados no presente, são feitos ao sabor da devoção, do triunfo do sagrado em oposição ao profano, foram reativados, revividos, revivificados com mais intensidade após 1928, no tricentenário do evento, em meio suas circunstâncias.

O que se marca a partir de 1928 não é a retomada de forma simbólica e emblemática o evento de 1628 – que se tornou fundante da memória e da história – até porque em outros momentos anteriores e diferentes este foi permanente e presente na representação desse passado, pois segundo Isaura Jablonski, a primeira romaria foi feita por esses indígenas cristãos que após a morte dos padres visitaram o local como devoção.⁵ O que se verifica a partir de 1928 são estratégias elaborada se utilizadas pelas sociedades daquele período de organizarem e ordenarem esse acontecimento a fim de preservá-lo como memória. Difundirem a romaria através de um movimento sistemático e intenso, para que se relembresse ao conjunto das sociedades de origem missioneira o que havia de comum entre elas, bem como preservar o sentimento de pertencimento, imbricado no modo de ser missioneiro. Um sentimento de volta às origens.

⁵JABLONSKI, I. E. ; QUEVEDO, J. **Resgate das Romarias do Caaró: Memória e História**. Santa Maria: UNIFRA, 2002, página 5.

Através da etnografia é perceptível que ao longo dos mais de 80 anos de romarias se formaram diferentes gerações de romeiros, católicos que freqüentam o lugar há muito tempo, ratificando-o como um espaço sagrado. São esses romeiros que atribuem sentidos ao evento confirmando o milagre original, expresso através da relíquia relegada e cultuada. Nas atividades há um constante diálogo com as representações do passado histórico missioneiro e nele o fato fundante, ao qual é atribuído um sentido tanto histórico quanto litúrgico para essas pessoas.

Assim, se é verdade que o movimento dos romeiros se faz no pagamento de promessas, agradecimentos ou pedidos de graças, bênçãos, ou simplesmente devoções, por se tratar de um lugar sagrado, uma referência a principal relíquia produzida após o martírio ocorrido em 15 de novembro de 1628 – o triunfo da verdade católica – também é verdade que nele está imbricado o fato fundante e recorrente do Missioneirismo, enquanto possibilidade de representação do passado, da “bem sucedida experiência missioneira” ocorrida no oeste do atual Rio Grande do Sul, ao longo dos séculos XVII e XVIII. Nessas representações históricas se aliam diferentes memórias individuais e coletivas e se tornam vivas nas falas dos romeiros, não somente da própria comunidade, mas de romeiros de outras cidades e países, os quais ressignificam o evento em seu sentido místico.

O evento ao ser recuperado em 1928 é reconstruído ao sabor do catolicismo ultramontano⁶ limitando as práticas do catolicismo popular e transformado em suas grandes proporções para seduzir os católicos, conquistar

⁶ *Ultramontanismo*, entendido aqui como doutrina política oficial católica que busca legitimar o poder do Papado na Santa Sé (Vaticano) como o exclusivo e principal, movimento ocorrido no âmbito da Igreja Católica, no século XIX, que propugnou por alguns princípios como: reforma das Ordens Religiosas tradicionais; aprimoramento da formação sacerdotal; reforma do clero e dinamização da pastoral; portanto, tratam-se de princípios que procuram restabelecer a ordem oficial da Igreja, se constituindo na maior de todas as reações contra todas as transformações que o mundo ocidental experimentou desde a Reforma Luterana e do Renascimento, passando pelo Iluminismo, pela Revolução Francesa, para a consolidação dos fundamentos do liberalismo e do laicismo do século XIX.

os corações e as mentes dos não católicos, rediscutir as narrativas históricas missionárias, cristãs e rever a própria história sul-rio-grandense, incrementando o espaço de disputas entre os historiadores que construíram discursos historiográficos de matriz lusitana ou de matriz platina,⁷ que aprofundaram o debate da formação sul-rio-grandense no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Contudo, para essas populações o evento do martírio passou a ter significados próprios, com suas ressignificações individuais e coletivas e, desde 1928, a história da comunidade local da atual Caaró, passou a ser reconstruída e ressignificada a partir da premissa do martírio e de seus atores históricos – os três santos mártires. Dessa maneira, a comunidade local e a Igreja Católica passaram a construir socialmente a romaria, que traz no âmago do seu movimento diferentes sentimentos, entre eles, o de pertencimento, de inclusão a um passado comum e cuja periodicidade nem sempre está coadunada às questões científicas da narrativa histórica, posto que Caaró é um sítio histórico missionário que foi palco das representações do passado das Reduções da primeira fase da evangelização jesuítica empreendida pela Companhia de Jesus em seu projeto apostólico-político de conversão dos indígenas e de integração daquele território aos domínios da Corte Espanhola, consagrando o antigo Tratado de Tordesilhas de 1494.

Nesse sentido, a romaria permite ao longo de seus 82 anos (1933-2015) perceber o quanto é um ponto importante na construção do Missionarismo, reativando identidades do passado em circunstâncias específicas ao estabelecer os nexos entre o passado-presente.

Roselene Pommer credita à romaria o caráter penitencial, confirmando que a sua organização é a partir das diretrizes da Diocese de Santo Ângelo, cujo objetivo é a renovação da fé cristã, “na referência que faz aos primeiros missionários jesuítas a sofrerem a resistência guarani no processo de evangelização a leste do rio Uruguai” (POMMER, 2009, pág. 77).

⁷ GUTFREIND, Ieda. **A Historiografia Rio-Grandense**. Porto Alegre: EdUFRGS, 1992.

Revista Brasileira de Iniciação Científica, Itapetininga, v. 3, n. 6, 2016.

Gradativamente as práticas da romaria são inseridas no cotidiano dos habitantes da região que passam a se reconhecer como integrantes e pertencentes dela, interagindo e participando das suas atividades culturais, construindo uma memória comum.

Através das representações estes elementos atuam no imaginário coletivo rememorando eventos do passado como forma de exemplificar fatos que podem, ou não, serem tomados como exemplos para o presente. Estas características de recorrência ao passado podem ser sentidas nos eventos do cotidiano, na política, na economia e, principalmente, na legitimação do patrimônio cultural.

A construção das romarias

A Companhia de Jesus restaurada, após 1814, retorna ao Rio Grande do Sul em meados do século XIX, nos tempos da Província. Na crônica do jesuíta Ambros Schupp percebe-se o projeto da Companhia de Jesus de retomar parte das terras da região das Missões, desde o final daquele século. Sinaliza em sua obra a metáfora do martírio na expressão “suor” (trabalho) “sangue” (assassinato) dos jesuítas que os precederam nos séculos XVII e XVIII, enquanto “povoar em mãos cristãs” refere-se à questão da sacralização da terra através da construção da tradição penitencial. Nesse conjunto de intenções de setores da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul é que localizamos as origens da Romaria do Caaró em 1928, apesar de sua oficialização ser de 1933, quando um grupo de católicos começou a sacralizar o espaço onde se concretiza o atual santuário, em meio às incertezas e adversidades, certas não lhes faltavam como a necessidade de expressar a sua cultura religiosa católica e superar as intempéries que lhes eram peculiares.

Os habitantes da região das Missões são os principais guardiões dessa identidade, mas couberam aos caibateenses particularidades devido a um conjunto de motivos. Dessas memórias emergem os compromissos históricos

assumidos pelos habitantes de Caibaté, que à época das primeiras romarias vivia os momentos da vila Santa Lúcia, da antiga Colônia Rondinha que era ligada ao município de São Luiz Gonzaga⁸, cuja base social se compunha de imigrantes de origens italiana, alemã e polonesa, portanto trata-se de uma colônia mista.

Em meados da década de 1920 os católicos do entorno próximo de Caibaté tinham dificuldade de assistência religiosa, segundo relata D. Estanislau Wolski na obra *“Polyantéa Missioneira”*, publicada em 1940, onde o antigo pároco de São Luiz Gonzaga, enfatiza e define o local do evento do martírio:

O local do martírio de Roque Gonzales está dentro do triângulo cujas linhas se foram entre S. Miguel – S. Lourenço – foz do arroio Urubú-caarú –, tal deve ser o ponto, conforme vai delineado num mapa de 1744 [...] Si ainda falta um marco histórico, não falta outro marco mais durável: é a gratidão, a admiração e a veneração que a população missioneira volta a seu fundador, a romaria de 3.000 pessoas no dia 15 de novembro de 1928 (WOLSKI, 2006, p. 29).⁹

Assim, a própria comunidade de imigrantes católicos vai iniciar a ressignificação do evento do martírio dos padres jesuítas, a mando do cacique Nheçú, no século XVII, interagindo e participando das atividades culturais do passado histórico de forma inquestionável. Mas segundo a abordagem de Paulo Rogério Melo de Oliveira o martírio foi o resultado de uma tensão criada pela oposição de universos radicalmente diferentes.¹⁰

⁸ São Luís Gonzaga foi elevada à categoria de cidade através do Decreto n. 477, de 12/03/1902. O Ato Municipal de S.L.G. n. 128 de 31/12/1926, estabelece que a Vila Santa Lúcia era o 4º distrito daquele município. Em 1944, Santa Lúcia passa a se denominar Caibaté através do Decreto-Lei n. 720, de 29/12/1944.

⁹ WOLSKI, Estanislau. **Polyantéa Missioneira**. Reimpressão de 1940. Caibaté: CERMISSÕES, 2006. p. 29.

¹⁰ OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo. **O encontro entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque González nas tierras de Ñezú**. Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre: UFRGS, 2009, tem como temática o encontro entre os jesuítas e os guaranis, bem como a morte do padre Roque González. De maneira geral, o trabalho remete-se a evangelização na Província Jesuítica do Paraguai, com ênfase no encontro entre índios e jesuítas. Neste sentido, o historiador a partir do passado busca nas experiências do presente analisar o turismo e a construção das identidades regionais. Um dos argumentos defendidos

Na década de 1930, o local da redução de Caaró é ressignificado e transformado gradativamente em “lugar da memória” missioneira, para onde se dirigem os peregrinos, embasados na tradição e narrativas orais, erguem o santuário em honra aos jesuítas mártires, o centro dessa romaria que ocorre anualmente no terceiro domingo de novembro. Segundo Júlio Quevedo, “os peregrinos se movem de forma inquestionável para o local do evento, sem a dúvida do ‘e se’ [realmente e se não fosse ali]” (QUEVEDO, 2011, pág. 4).

A trajetória parece consolidada na década de 1940, quando Caibaté já era conhecida como a cidade “Coração das Missões” ou “Terra dos Mártires”, o reconhecimento e a designação de que o martírio “de fato” ocorrera ali. Além disso, vale lembrar que o fato fundante das Missões Jesuítico-indígenas oportuniza a notabilidade aos habitantes da região.

Dessa forma, o sentimento de pertença da comunidade caibateense à identidade missioneira com sua historicidade se efetiva entre as populações locais. Contudo, permeia esse sentimento de pertencimento a gratidão para com os antepassados, buscando a veneração da intervenção divina na história a partir do protagonismo dos santos mártires, isso porque as comemorações da romaria estão ligadas a relíquia, o coração do padre Roque.

pelo historiador é o de que o martírio de Roque González foi o resultado de uma tensão criada pela oposição de universos radicalmente diferentes. Sendo que uma das fontes documentais utilizadas pelo historiador refere-se às cartas e crônicas jesuíticas, as quais ele utiliza como ponte de acesso ao passado, isso com o intuito de perceber as condições em que essas cartas foram produzidas, bem como a sua apropriação pela historiografia jesuítica.

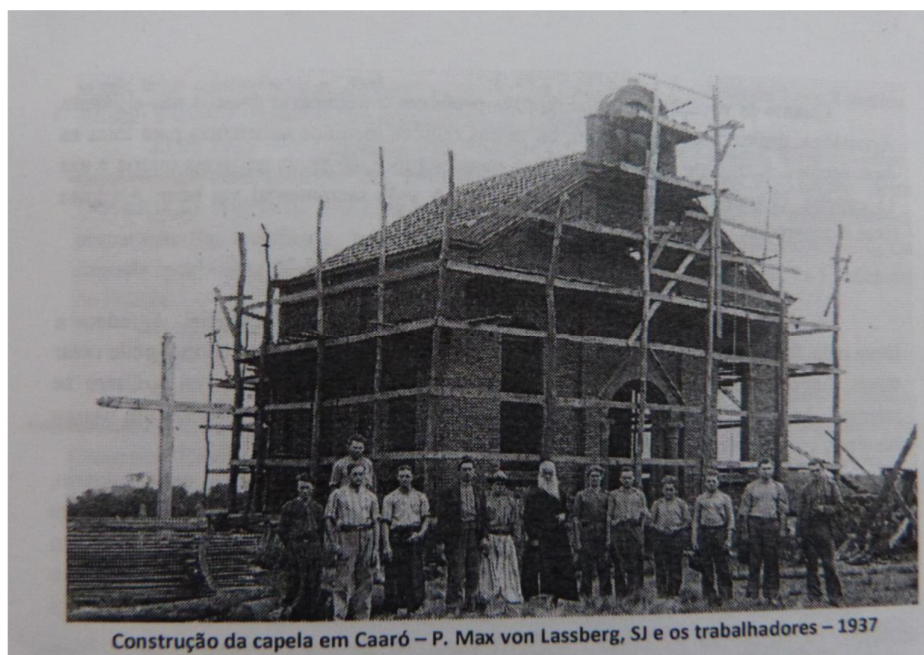


Figura 2. A construção da capela do Caaró em 1937. Fonte: POHR, Pe. Inácio (S.J.). **Cerro Largo-RS**. [Coletânea de documentos referentes] Paróquia Sagrada Família de Nazaré, Seminário São José, Presença dos Jesuítas: 1902 a 1956. Porto Alegre: BRM Província do Brasil Meridional da Companhia de Jesus, 2013.

A consciência histórica do período em que viveram as personagens se fixa na denominada “melhor imagem”, ou seja, aquela que está permeada de acontecimentos relevantes, “edificantes” da fé cristã, tornando-os os primeiros peregrinos em busca de “salvação” das almas, sendo interrompido brutalmente, nas narrativas populares, pelas mortes desses três padres e a tentativa malograda de fundar a Redução de Todos os Santos.

Do evento ficam os primeiros milagres que confirmam o local como sagrado: a metáfora que compreende que o sangue dos mártires “banhou a terra missioneira”, sacralizando-a; a primeira grande relíquia – o *coração do missionário Roque*; e a fonte d’água, considerada “fonte milagrosa”, local em que o missionário teria batizado os guaranis e rezado a última missa antes de morrer.

A relíquia do coração do padre Roque está guardada em relicário na Catedral de Assunção, no Paraguai, onde nasceu. Recentemente, na romaria de 2010, o santuário foi agraciado com uma partícula dessa relíquia para ser venerada pelos fieis, um momento de muita comoção e fé pela própria comunidade e peregrinos de outras localidades. Esses jesuítas foram canonizados e particularmente Roque, em 16 de maio de 1988, em Assunção pelo Papa João Paulo II.

A partir da década de 1930, a Igreja Católica – inicialmente a Companhia de Jesus e atualmente o clero diocesano do bispado de Santo Ângelo – tem se empenhado em construir representações positivas do passado missioneiro que confirme o martírio dos padres no local, persuadindo e mobilizando as comunidades próximas e de outras regiões, estados, países para a organização e consolidação da Romaria do Caaró, ou a Romaria dos Santos Mártires. Desde a sua construção até o presente este é o principal, ou único evento do município de Caibaté, de relevância cultural e de atrativo turístico para a localidade.

Considerações finais

Pode-se perceber a Romaria do Caaró, que acontece todo ano em novembro, como ato consagrador e integrante da diversidade patrimonial da região das Missões, desde 1928 até a atualidade. Anualmente os romeiros atualizam o mito fundante e remexem no passado, sempre retirando dele o complexo conjunto de imagens sobre si e per si. É preciso perceber a Romaria do Caaró como algo fulcral no Missioneirismo e um dos principais pontos turísticos do Rio Grande do Sul e particularmente a elaboração do ambiente místico. Assim, torna-se relevante as possíveis interpretações dos caibateenses como expressão do patrimônio cultural missioneiro que por meio das representações e dos discursos utilizam-se disso política e economicamente.

A percepção dessa comunidade e dos demais visitantes do Santuário do Caaró, quanto ao reconhecimento deste local como elemento integrante do patrimônio cultural de Caibaté. Nesse sentido, através da recuperação da

memória dos habitantes e os acontecimentos que compõem a consciência histórica do evento: a Romaria do Caaró, sua historicidade, suas representações e o seu imaginário popular, ajudam a entender a contrução desse movimento religioso como parte da identidade missioneira. Entender o patrimônio cultural caibateense como o conjunto de manifestações, realizações e representações da própria comunidade local que se apropriou dessa identidade que diz respeito ao passado missioneiro de matriz jesuítico-guarani e não de imigrantes de origem europeia.

As manifestações culturais do Caaró fazem parte do cotidiano dos caibateenses, suas satisfações e orgulho em falar sobre o assunto, estabelecendo as identidades que definem os valores que defendem. É esse patrimônio missioneiro do Caaró que faz os caibateenses serem como são. Dessa forma, desde 1928, a população do município de Caibaté foi incentivada a lembrar o martírio dos padres, transformando Caaró no lugar de memória, assim como os diversos setores público, privado e comunidade em geral a organizam e incentivam a Romaria do Caaró. Ao mesmo tempo, busca-se nessa sociedade o reconhecimento deste evento como patrimônio cultural da cidade. Assim, é necessário problematizar o tema a partir da análise das representações sociais produzidas no município de Caibaté em relação ao Santuário e a Romaria do Caaró, a fim de compreender de que forma esta expressão do patrimônio cultural caibateense foi construída socialmente e utilizada tanto política quanto economicamente por setores do município.

Perceber a importância de verificar e analisar os métodos e possibilidades empreendidos em um processo de construção social que busca em um passado mais recente, elementos para legitimar expressões de patrimônio cultural, que ora estão ligadas ao passado das reduções jesuíticas e ora parecem que não. Além da preservação da memória local, indispensável para o fortalecimento das identidades, que assumem relevância no contexto social das comunidades “servindo como instrumento de recuperação do passado e impulsionando o desenvolvimento local através de seus monumentos” (QUEVEDO, 2011, p.14).

Por fim, essa temática é de grande importância histórica para a região noroeste do Rio Grande do Sul, pois está diretamente envolvido com a construção de identidades e também com a memória e o resguardo por parte daqueles que vivem inseridos nesse contexto missioneiro. Portanto, se buscou demonstrar que as pessoas que vivem na região, boa parte não descendem dos povos guaranis que ali viviam no momento da construção dessa tradição, e sim, de descendentes de imigrantes de origem europeia, sendo que este tema não é abordado pela comunidade. A partir daí entra nosso papel de aprendiz de historiador, de perceber esses elementos como apropriação e sentimento de pertencimento dessa comunidade sobre o passado local e a utilização disso como uma identidade compartilhada entre as cidades dessa região que compõem as Missões.

Referências

- BARCELOS, Artur H. F. *História, Memória e construção do Patrimônio: o local da morte do Padre Cristóvão de Mendonça nas terras do Sul do Brasil*. In: LEAL, Elisabete e PAIVA, Odair Cruz (orgs.) **Patrimônio e História**. Londrina: Unifil, 2014.
- BAZCZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales: memorias e esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11 ed. – Tradução Fernando Tomaz. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRUM, Ceres K. **Esta terra tem dono: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Santa Maria : Ed. UFSM, 2006.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3 ed. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.
- DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru/SP: Edusc, 2002.
- GOLIN, Tau. **A Guerra Guaranítica**. Como os Exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos Jesuítas e índios guaranis do Rio Grande do Sul (1750-1761). Porto Alegre: EdUFRGS, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. – São Paulo: Centauro, 2006.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: UNESP, 2003.

LIMA, Luiz Costa. **O Controle do Imaginário**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

MARIN, Diosen. **A consolidação da Romaria do Caaró a partir da mídia impressa: 1937-1945**. 2014. 163f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS.

NEUMANN, Eduardo S. Uma fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande – século XVIII. In: GRIJÓ, Luiz A., KUHN, Fábio, GUAZZELI, César A. B. E., NEUMANN, Eduardo S. **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.

NEUMANN, Eduardo. **Práticas letradas guarani: produção e usos da escrita indígena** (séculos XVII e XVIII). Tese de Doutorado. PP em História Social, UFRJ, 2005.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo: história da produção de uma identidade regional**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

PORTUGUEZ, Anderson (org). **Turismo, memória e patrimônio cultural**. São Paulo: Roca, 2004.

POHR, Pe. Inácio (S.J.). **Cerro Largo-RS**. [Coletânea de documentos referentes] Paróquia Sagrada Família de Nazaré, Seminário São José, Presença dos Jesuítas: 1902 a 1956. Porto Alegre: BRM Província do Brasil Meridional da Companhia de Jesus, 2013.

QUADROS, Ezeula I. **A defesa do Modo de Ser Guarani: o caso do Caaró e Pirapó em 1628**. Porto Alegre: Edigal, 2012.

QUARLERI, Lia. **Rebelión y guerra en las fronteras del Plata: Guaraníes, jesuítas e impérios coloniales**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2009.

QUEVEDO, Júlio. Romaria do Caaró: entre a Educação Histórica e a Educação Patrimonial. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011, p. 1-17.

_____. **Guerreiros e Jesuítas na utopia do Prata**. Bauru/SP: EDUSC, 2000.

QUEVEDO, Júlio R. e VITOR, Amílcar G. *Construindo socialmente o patrimônio cultural por meio de representações sociais: o caso do memorial Coluna Prestes de Santo Ângelo/RS*. In: PAIM, Elison; GUIMARÃES, Maria de Fátima (orgs). **História, Memória e Patrimônio: possibilidades educativas**. Jundiaí: Paco editorial, 2012.

QUEVEDO, Júlio R. *Romaria do Caaró: prática cultural, patrimônio e discurso midiático*. In: LEAL, Elisabete e PAIVA, Odair Cruz (orgs.) **Patrimônio e História**. Londrina: Unifil, 2014.

RODRIGUES, Marly. Preservar e construir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (org). **Turismo e patrimônio cultural**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, Maria C., GOLIN, Tau. **Povos Indígenas**. Passo Fundo: Méritos, 2009. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, V).

SCHUPP, Pe. Ambros, (S.J.). **A Missão dos Jesuítas Alemães no Rio Grande do Sul**. [1ed. 1912]. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

VENTURINI, Sergio. **Caminhando: nas pegadas de Roque González**. Santo Ângelo: FuRI, 2013.

VITOR, Amilcar G. **A Coluna Prestes em Santo Ângelo/RS**: recorrendo-se ao passado para erigir um patrimônio. 2012. 297f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria,/RS.

WESZ, Mauro M. **Caibaté: imigração e construção de identidades na região das Missões do Rio Grande do Sul**. 2014. 63f. Monografia (TCG em História) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS.

_____. **Rondinha/Santa Lúcia: Colonização e Religiosidade na região das Missões (1921-1937)**. 2016. 133 f. (Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS.